



**Universidade de Brasília**

**Instituto de Ciências Humanas**

**Departamento de Geografia**

**Curso de Licenciatura em Geografia**

**MARINALVA DA SILVA CARVALHO**

**O ENSINO DA GEOGRAFIA NAS SERIES INICIAIS**

**Alexânia - GO**

**Abril – 2013**

**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de Geografia**  
**Curso de Licenciatura em Geografia**

**MARINALVA DA SILVA CARVALHO**

**O ENSINO DA GEOGRAFIA NAS SERIES INICIAIS**

Monografia apresentada à banca examinadora da Universidade de Brasília–UnB, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia, sob a orientação do professor orientador Fernando Luiz Araújo Sobrinho.

Brasília, 20 de abril de 2013.

Banca Examinadora

---

*Fernando Luiz Araújo Sobrinho*

*Doutor*

*Universidade de Brasília*

---

Karla Cristina França

Doutoranda

Universidade de Brasília

Nota: \_\_\_\_\_

*Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.*

*Paulo Freire*

## DEDICATÓRIA

O Deus, por ter me abençoado com saúde na minha jornada de trabalho. A minha família pelo incentivo nos meus estudos e aos professores que sempre estiveram dispostos a contribuir em uma melhor formação dando suporte mesmo a distância não se deixou abater pelas dificuldades encontradas por dependerem de um veículo digital, por vezes falho e por outro eficiente a ponto de solucionar com precisão como numa sala de aula física. Em especial as minhas filhas Emylle Carvalho Pereira e Evylle Carvalho Pereira por entender a minha ausência; tanto em consequência do meu trabalho quanto dos meus estudos, elas foram mais do que filhas, foram companheiras, amigas, donas de casa e colega de estudos. Ao Everaldo da Silva Miranda meu esposo, que ficava às vezes o dia todo comigo esperando o final de cada aula sem reclamar, mesmos com todas as dificuldades que encontramos; muitas vezes não desisti porque ele estava ali me amparando. As minhas colegas de trabalho, que sabem um pouco do que passei e sempre me apoiaram com incentivos ficando na torcida para ver o meu sonho realizado. Aos professores Fernando Sobrinho e Karla Cristina França que não mediram esforços para que este trabalho viesse ser concluído. A tutora Edilaine Veríssimo que sempre esteve engajada, nos orientando e nos respaldando no que foi preciso. Ao coordenador Ceone que se fez presente repassando todas as informações necessárias para que pudéssemos ficar a par de tudo referente ao curso. As minhas colegas em especial Ana Lucia Carvalho Souza e a Marise Barbosa do Pólo de Santa Maria DF, que não importando a distancia virtualmente estávamos presentes nos ajudando uma amparando a outra. As minhas Filhas Emylle e Evylle por entender a minha ausência; tanto em consequência do meu trabalho quanto dos meus estudos, foram mais do que filhas, foram companheiras, amigas, donas de casa e colega de estudos. Ao Everaldo da Silva Miranda meu esposo, que ficava às vezes o dia todo comigo esperando o final de cada aula sem reclamar, mesmos com todas as dificuldades que encontramos; muitas vezes não desisti porque ele estava ali me amparando. As minhas colegas de trabalho, que sabem um pouco do que passei e sempre me apoiaram com incentivos ficando na torcida para ver o meu sonho realizado.

## RESUMO

A ciência geográfica na sua totalidade e a prática educacional desta ciência quando colocada aos alunos de modo isolado do cotidiano dos educandos dificulta o processo de ensino aprendizagem. Através desta pesquisa procurou-se conhecer a Geografia na trajetória escolar de oito professores das series iniciais do ensino fundamental em escolas públicas do município de Anápolis, GO; na Escola Sesi Jaiara, foi aplicado o questionário a cinco professores, sendo o Sesi uma escola conveniada na qual trabalho com alfabetização e os outros três no Colégio Estadual Maria Aparecida Alves, situado no bairro Jardim America Anápolis GO, com professores do 6º ano, com intuito de conhecer o nível de satisfação em relação ao material didático utilizado e se o mesmo contempla a realidade do aluno. Resultados preliminares da pesquisa apontam que a prática de ensino desenvolvida na rede publica apresenta a Geografia de forma isolada do cotidiano e de cria-se um contexto de artificialidade, onde além de comprometer a aprendizagem dos alunos, dificulta para o professor ministrar suas aulas. Procurou-se conhecer a Historia da Geografia desde os seus primórdios para compreender a sua aplicação atual e o desenvolvimento nas series iniciais do ensino fundamental, procurando analisar e discutir as concepções teóricas e as influencias das leis e decretos que permeiam os conteúdos abordados nos manuais didáticos e nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Todo o trabalho seguiu a trajetória da Geografia nas series iniciais do ensino fundamental, a partir da observação e de pesquisa desenvolvida junto aos professores selecionados a responderem o questionário. Chegou-se a conclusão que há diversos fatores que interferem sistematicamente na não valorização da Geografia no espaço escolar e nas praticas pedagógicas inseridas pelos professores que atuam nessas series. Dentre esses fatores destaca-se o pequeno contato que os mesmos tiveram com a Geografia no seu processo educacional, assim a transmissão não seria de outra forma. Entende-se que Geografia não deve ser aplicada de forma fragmentada divergente do cotidiano e sim desde as series iniciais, pois a mesma permite ter entender a dinâmica e compreender o espaço que os rodeiam no contemporâneo fazendo alusão ao passado. A contribuição da Geografia nas series iniciais é a de oferecer ao aluno alfabetização geográfica: ler,

interpretar, observar e compreender o meio para que esse possa ser um cidadão consciente da dialética sociedade e espaço e atuar nesse processo enquanto cidadão. **Palavras-chave:** Geografia, recursos didáticos, ensino; mapas, aprendizagem, conhecimentos; representações sociais; educação.

## ***ABSTRACT***

The geographical science in its entirety and educational practice this science students when placed in isolation everyday the students hinders the process of teaching and learning. Through this research we tried to learn geography in school history teachers from eight series of elementary education in the public schools of the city of Annapolis, GO; School Jaiara SESI, the questionnaire was administered to five teachers, and SESI convening a school in which work with literacy and the other three in Colegio Estadual Maria Aparecida Alves, located in Jardim America with teachers of year 6 were, in order to know the level of satisfaction with the teaching materials used and whether it addresses the reality of student. Preliminary results of the research show that the practice of teaching developed in the public presents a geography of everyday life in isolation and creates a context of artificiality, where besides compromising student learning, the teacher makes it difficult to teach their classes. We sought to know the History of Geography since its beginning to understand its application and development in the current series of primary school, trying to analyze and discuss the theoretical conceptions and the influences of the laws and decrees that permeate the content covered in textbooks and the National Curriculum. All work followed the trajectory of Geography in the initial series of elementary education, from observation and research developed with teachers selected to answer the questionnaire. Reached the conclusion that there are several factors that systematically interfere in not valuing Geography at school and pedagogical practices embedded in teachers working in these series. These factors highlight the little contact that they had with the geography in their educational process, so the transmission would not be otherwise. It is understood that geography should not be applied piecemeal divergent everyday but since the original series, because it allows to have to understand the dynamics and understand the space around them in contemporary alluding to the past. The contribution of geography in the initial series is to provide the student with geographic literacy: read, interpret, observe and understand the means by which this can be a conscious citizen of the dialectic society and space in this process and act as a citizen. Keywords: Geography, teaching resources, teaching, maps, learning, knowledge, social representations; education

## **LISTA DE SIGLAS**

EMC: Educação Moral e Cívica

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PCN's: Parâmetros Curriculares Nacionais

SIG: Sistema de informação geográfica



# SUMÁRIO

DEDICATÓRIA .....	4
RESUMO .....	5
ABSTRACT .....	7
LISTA DE SIGLAS .....	8
INTRODUÇÃO.....	10
1.O ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR NAS SERIES INICIAIS.....	13
1.1 A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA .....	18
1.2 COMO SE APRENDE GEOGRAFIA.....	20
1.3 O ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL.....	25
2. ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL.....	28
2.1 A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA ESSA PRÁTICA .....	29
2.2 A CARTOGRAFIA NO ENSINO DESDE AS SERIES INICIAIS .....	31
2.3. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	32
3. IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA E A CARTOGRAFIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA DESDE AS SÉRIES INICIAIS .....	33
3.1 TEORIAS DA GEOGRAFIA APLICADA NAS SÉRIES INICIAIS.....	35
3.2 PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS .....	37
3.3 RESULTADOS PRELIMINARES DA PESQUISA .....	38
Considerações Finais .....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	41

## INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como tema a importância do estudo de Geografia nas séries iniciais e sua aplicabilidade em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem da Geografia, discutindo os diversos recursos didáticos e suas aplicações, como os mapas interativos, GPS, Google Earth, Atlas Geográficos, entre outros recursos que devem ser utilizados como facilitadores para que estimulem a aprendizagem e desenvolvimento. .

O uso desses recursos auxiliares tais como: TV, música, cinema, computador e internet, laboratório de informática escolar, jornal impresso ou telejornal, literatura, arte, música, cartografia, imagens, vídeos, apresentação de slides, cartografia, fotografia, dentre tantos outros, facilita e estimula o aprendizado.

O desafio está nas mãos dos professores nas séries iniciais em trabalhar informações através dos manuais didáticos; criando métodos que inovem suas práticas pedagógicas voltadas para o entendimento do pensar geográfico nas suas diversas escalas.

Articulando-as com o que efetivamente traz a possibilidade de o aluno ter sua maneira própria de olhar e interpretar o mundo em que vive sendo o professor norteador desse conhecimento. *“Nesse sentido, reconhecer na paisagem local e no lugar em que se encontram inserida as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade e seu grupo social”* (PCN, 1997, p.130), também afirma Filizola (2009 p.88) *“à leitura e interpretação das diversas formas de expressão dos recursos auxiliares nas nossas aulas devem estar a serviço do desenvolvimento do olhar geográfico, da interpretação geográfica do mundo que nos cerca, e não o universo”*; portanto ao utilizarmos esses recursos temos a oportunidade de dar novo significado aos conhecimentos com os quais os alunos chegam às aulas de Geografia de uma maneira lúdica.

Podendo assim permitir que o aluno tenha uma vivência do mundo que os cercam e possam se integrar em questões do cotidiano, refletindo e se posicionando de modo que seu papel de cidadão seja construído desde sua iniciação no processo

educacional.

No século XXI, observa-se que a sociedade tem como uma de suas características o uso intensivo de novas tecnologias, além do interesse na utilização de recursos áudios-visuais e tecnologias (inovadoras ou não) o que amplia o potencial humano de aprendizagem. Assim, na área de educação não poderia ser diferente acompanhar essas mudanças.

Novos recursos surgem quase que diariamente e são nítidos seus efeitos no mundo globalizado, atuando como meio de informação, comunicação, modificação e expressão na vida das pessoas. Competirá aos educadores desfrutar dessa construção nas aulas sempre que oportuno. Por conseguinte, podemos agir como agente de avaliação aperfeiçoando o desenvolvimento de práticas avaliativas.

Através de uma pesquisa procurou-se conhecer a Geografia na trajetória escolar de oito professores das series iniciais do ensino fundamental em escolas públicas do município de Anápolis, GO; na Escola SESI Jaiara, foi aplicado o questionário a cinco professores, sendo o SESI uma escola conveniada na qual trabalho com alfabetização e os outros três no Colégio Estadual Maria Aparecida Alves, situado no bairro Jardim America com professores do 6º ano foram, com intuito de conhecer o nível de satisfação em relação ao material didático utilizado e se o mesmo contempla a realidade do aluno.

Deste modo discutir a aprendizagem da Geografia nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, a partir da leitura do mundo, sem abandonar as experiências de vida e o espaço que vivemos. A meta se enquadra em compreender o papel da Geografia para a formação cultural, social e ética nas crianças dessa faixa etária sem esquecermos a importância de se aprender desde cedo a linguagem cartográfica. Analisar os métodos de ensino aplicados em salas de aula, e verificar sua adequação com os métodos adotados na seriação pesquisada. Podendo assim permitir que o aluno tenha uma vivencia do mundo que os cerca e possa integrar em questões do cotidiano, exercendo seu papel de cidadão construindo desde sua iniciação no processo educacional.

Tem como objetivo associar o ensino da Geografia aos conhecimentos prévios do aluno para que haja melhor compreensão do mundo. Verificar a aprendizagem dos alunos das Séries Iniciais na disciplina de Geografia através adjunções diários, temas reflexivos, questões objetivas. Trabalhar a alfabetização cartográfica tornando-a interessante na observação da paisagem geográfica construindo com os alunos gráficos e mapas e levando-os a observar mudanças na paisagem.

A pesquisa teve oito questões onde os professores puderam colaborar dando respostas e sugestões.

1-O ensino de Geografia prioriza a formação sociocultural, trazendo conteúdos relevantes à realidade de cada região?

2-Quem escolhe os livros didáticos;

Escola ( )                      Outros( ) Quem\_\_\_\_\_ Professores da disciplina  
( ) Coordenador ( ) Secretaria de Educação do Estado ( ) Secretaria de Educação do Município ( ) .

3-Os livros escolhidos condizem com a matriz curricular e os PCNs do ano em curso? Sim ( )                      Não ( )

4-você utiliza outros recursos didáticos para ministrar as suas aulas?

5-A carga horária é suficiente para ministrar todo conteúdo programático?

7) Há alguma atividade interdisciplinar de ensino que envolve a disciplina Geografia? Qual? Integra o calendário escolar?

8) Há algum tipo de laboratório ou atividade de pesquisa de campo em Geografia? Qual?

Assim podendo verificar o nível de satisfação dos professores quanto ao manual didático e a disciplina lecionada.

## 1.0 ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR NAS SERIES INICIAIS

O surgimento da Geografia foi na Grécia a 300 antes de Cristo, porque os gregos dominavam a maior parte do mundo ocidental; era necessário conhecer o ambiente físico e os fenômenos da natureza, pois, tinham interesse em descobrir novos territórios para dominar e comercializar.

Ao mesmo tempo em que se ampliava o conhecimento do espaço geográfico, aguçando a pesquisa dos sistemas de relação entre a sociedade e a natureza – sistemas agrícolas, técnicas de uso do solo, relacionamento entre as cidades e o campo, relações entre as classes sociais e entre o Poder e o povo -, desenvolvia-se também a curiosidade sobre as características naturais, os sistemas de montanha, os rios com os seus variados regimes, a distribuição das chuvas, a sucessão das estações do ano etc. (ANDRADE, 1987, p. 24).

A Geografia é uma ciência e seu objeto de análise está no estudo do espaço geográfico e suas similaridades (lugar, paisagem, território, nação) em um papel de construção, adaptação e transformação das ações humanas de acordo com suas necessidades em um acúmulo desigual de tempos, como afirma Santos (1978,176 ). Falta a citação de Andrade nas referências ok.

O objetivo central da Geografia proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais é explicar como a sociedade se apropria da natureza, enfatizando o caráter de mutação e inter-relação com o ser humano.

Nessa perspectiva, completa Moreira (1982, p 120) citado por Filizola (2009, p 92) *“a Geografia pode ser tomada como o estudo da organização do espaço geográfico, do entendimento de suas lógicas e sentidos”*.

No Século XIX, a Geografia tornou-se ciência graças a Escola Alemã e seus principais geógrafos: Ratzel, Ritter e Humboldt. Nesta escola de conhecimento geográfico se estabelecia uma relação entre a natureza e homem.

Tendo como pioneiros os geógrafos Karl Ritter e Friederich Ratzel e o geógrafo naturalista Alexander Von Humboldt. Para MORAES (2005, p. 71) *“Ratzel é*

*conhecido como o pai do determinismo geográfico e o pai da geopolítica*". O pensamento de Ratzel de que o a inter-relação entre seres vivos e seus meios naturais teve um papel de mudanças na nas concepções geográficas intituladas determinismo.

Estes geógrafos viveram, estudaram e produziram conhecimento em um mundo que permitia a aquisição de conhecimentos fundamentados em viagens, cartografias e estudos mais precisos.

Alexander Von Humboldt (1769 – 1859) nasceu na Alemanha, fundou os métodos de observação de quase todos os campos da Geografia Física; generalizou o uso do barômetro para determinar as altitudes dos cortes geográficos e dos cálculos de altitude média para caracterizar o relevo, entre outras contribuições.

Karl Ritter nascido em Quedlinburg descobriu o raio ultravioleta, publicou uma série de mapas sobre a Europa em seu primeiro trabalho sobre geografia, foi fundador da Sociedade Geográfica de Berlim e considerava-se um discípulo do geógrafo Alexander Von Humboldt.

Nos anos 60 a Geografia adotou a estatística como recurso de apoio por causa da vontade de torná-la um estudo científico. No final da década, o computador eletrônico e as imagens de satélite foram incorporados à disciplina.

A Geografia possui cinco princípios, são eles: extensão (localização) (mapas), quantificar (números), analogia (comparação das realidades estudadas), causalidade (causas e consequências), conexidade (um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, sempre vai estar ligado a outras disciplinas do conhecimento humano) e atividade (história), segundo Ratzel, La Blache e Jean Brunhes.

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. (SANTOS, 2004, p. 63).

Para compreender o mundo em que vivemos alguns conceitos geográficos são importantes, como lugar, paisagem e espaço geográfico. O lugar é o espaço onde se vive; nesse local são vividas as experiências no qual as pessoas identificam uma relação de vínculo e convívio, por exemplo, casa, rua, cidade, etc.

Paisagem é tudo aquilo que a vista alcança, é composta por dois tipos: naturais (elementos naturais construídos pela natureza) e culturais (elementos artificiais construídos pelo homem); nela está registrada a interação sociedade e natureza.

Espaço geográfico é um espaço que sofreu interferência da ação humana e da natureza. É na natureza que a vida acontece de forma harmoniosa, ou seja, o homem se adapta às intempéries e a natureza retribui dando condições para a sobrevivência.

A Geografia é o estudo do nosso próprio planeta enquanto morada da humanidade. Pois ela enfoca a organização da sociedade e nas suas relações com o espaço físico, os diversos aspectos da natureza e da paisagem.

Em cada situação de lugar, o modelo seria definido de duas maneiras. De um lado, ele é considerado como o conjunto de sistemas locais tomado em um mesmo momento histórico e em lugares diferentes no interior de um mesmo espaço. Do outro lado, o modelo pode ser construído a partir da simulação da evolução do tempo dos sistemas locais, cada um dado como resultado outro sistema local. O primeiro seria o modelo descritivo o segundo o modelo evolutivo enquanto os modelos com caráter de previsão levarão em conta os modelos evolutivos descritivo a fim de permitir a compreensão dos dinamismos verticais horizontais, isto é, a totalidade dos mecanismos e das tendências sem os quais nenhum modelo de previsão é possível. (SANTOS, 1986 p. 62).

Enquanto disciplina escolar encontra-se fundamentada em princípios, métodos, técnicas e práticas. Para que haja sucesso ao se desenvolvê-la em sala de aula torna necessário que os educadores passem por toda a gama de pluralidade de temas e conteúdos abordados diariamente adequando sua linguagem á linguagem do aluno para que o aprendizado se dê por completo.

A mesma não pode, nem deve ser trabalhada como uma disciplina única e isolada, mas sim, na interdisciplinaridade. A ela são agregados conhecimentos de diversas áreas tanto de ciências naturais- geologia, física, climatologia, cartografia-, de ciências sociais- economia, antropologia, sociologia, história, filosofia-, temas transversais- educação ambiental, ética, educação sexual dentre tantos outros passando também por temas culturais.

Os conteúdos a serem trabalhados na Geografia Escolar devem ser selecionados e adequados de maneira sistemática e organizada, onde terá uma seqüência lógica de conteúdos. Para tanto o educador tem todo um preparo de saberes científicos e acadêmicos para que possa adequar seus conhecimentos de uma maneira particular á uma linguagem acessível aos alunos. A respeito disso, declara Stefanello (2003 p.148):

“aquilo que se ensina nas escolas não é nem o saber acadêmico nem mesmo uma simplificação desse saber, mas é uma forma muito particular de conhecimentos a que se domina saber geográfico escolar, ao qual se origina o saber acadêmico que, num complicado processo de transposição didática, foi transformado, adaptado e recontextualizado para depois ser ensinado”.

Sobre a função da Geografia Escolar, Pontuschka (2009) destaca alguns apontamentos, ela diz que enquanto disciplina oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e teórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia em um mundo globalizado.

A Geografia Escolar age como instrumento para educação crítica do aluno onde o mesmo passa a perceber de fato as transformações cotidianas que o cercam, atuando como agente idealizador da sociedade e do mundo desenvolvendo a consciência espacial.



Apesar da importância da Geografia para a construção de uma sociedade crítica a maioria dos alunos ainda tarja a mesma como disciplina chata e de pouca relevância para o futuro profissional, dando mais importância á disciplinas mais cobradas em vestibular ou exames nacionais com maior percentual de notas tais como: matemática ou português.

Na educação normalmente não conseguem perceber que a partir do estudo da Geografia na escola terá uma oportunidade de percepção e análise do mundo em infinitos âmbitos: economia, política, característica física de determinado lugar, sociedade, meio ambiente, guerras e conflitos mundiais, globalização, tecnologias e toda uma gama de enfoques passando a entender seus fatores de causas e conseqüências para a compreensão de problemas do mundo atual.

Talvez por um mal preparo do professor enquanto docente, não direciona da maneira correta o tema proposto, dando apenas uma “pincelada” de maneira teórica e dessa forma o aluno terá apenas uma vaga noção dos conteúdos fazendo com que seu interesse diminua ainda mais.

Analisando a trajetória da disciplina e seu avanço ao longo dos tempos percebe-se que há interesse em que seus objetivos centrais sejam adequados ás novas realidades de uma sociedade moderna e ligada aos avanços cronológicos e tecnológicos visto que novas informações surgem momentaneamente. Isso fará com que a disciplina seja cada vez mais aceita pela sociedade.

## 1.1 A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA

Para que se possam entender as raízes da Geografia são necessárias analisá-la desde os primórdios onde os primeiros humanos já a construía sem ter a percepção de que isso acontecia. Estabeleciam relações de trabalho entre si, como a caça ou coleta de alimentos e aos poucos a natureza era modificada sendo construído desde já um espaço humanizado.

Eram nômades e ao percorrerem diversas regiões relatavam essas informações nas pinturas de cavernas através de desenhos rupestres. Daí os primeiros registros- apesar de ainda não serem sistemáticos- da Cartografia, onde esses nômades relatavam as direções a seguir, referenciavam as paisagens, onde os alimentos estavam localizados dentre tantos outros.

Com as primeiras cartas geográficas produzidas na China nos últimos 3 mil anos houveram grande acúmulo de conhecimentos ligados à Geografia, mas também ainda não eram sistematizadas.

Durante o período da Antiguidade Clássica, os gregos já conseguiam sistematizar, por exemplo, as diferenças entre os lugares. Os gregos realizavam viagens a fim de estabelecer relações comerciais, e assim, tinham contato direto com povos, lugares, culturas diversificadas e diferenciadas. Eles produziam mapas a fim de facilitar a descrição de lugares e sua chegada ao destino almejado.

Dessa forma, a Geografia produzida pelos gregos tinha o intuito de registrar a localização e diferenciação de lugares. Nesse período surgiu o termo Geografia com o significado de descrever sobre a Terra. Ao realizar esses estudos sobre a Terra alguns pensadores gregos como é o caso de Aristóteles (século IV A.C) buscavam compreender a esfericidade da Terra.

Heródoto (485-425 A.C) percorreu grandes áreas que se entendiam por terras africanas e euro-asiáticas. Para Filizola (2009,p122) *“os gregos desenvolviam relatos sobre a forma e dimensão do nosso planeta, aspectos de relevo, clima, a vivência dos povos de determinada região e noções de mapeamento da superfície*

*terrestre, foram muito importantes para o desenvolvimento da Geografia séculos mais tarde”.*

Outros povos também deixaram seu legado nos procedimentos da Geografia. Os romanos elaboravam mapas, mesmo que simples. Os chineses passaram a dominar com propriedade os procedimentos de orientação em suas constantes navegações. Durante a formação do Império Muçulmano (800 D.C.) estabeleceram domínio em vasto território.

As relações geográficas eram estabelecidas pelos contatos entre povos, culturas, credos, paisagens e povos onde tudo isso contribuía para o aumento do desenvolvimento de estudos de áreas da Geografia e de áreas afins: Astronomia, Astrologia, Matemática, Geometria, Artes, História dentre outras.

O conhecimento geográfico tornou-se amplamente significativo como advento das Grandes Navegações. Dessa forma a Geografia foi institucionalizada no mundo ocidental pelas expedições científicas pelos continentes: América, África e Ásia sob a supervisão das vanguardas acadêmicas européias que dominavam os trajetos por meio de representações cartográficas previamente coletadas por cientistas em suas viagens pelo mundo.

Até o século XVII as informações ligadas á Geografia estavam unicamente centradas em intensas obras como mapas, peças de arte e livros escritos pelos cientistas.

No final desse século o ramo geográfico foi constituído como ciência, mas ainda não era apoiada nem difundida por dois fatores: sua ligação com a História (servia de fundamentos e suportes para aspectos e fatos históricos); e em segundo lugar pela referência entre a natureza e o homem. Esses dois fatores perseguirão também nos séculos XIX e metade do século XX.

## 1.2 COMO SE APRENDE GEOGRAFIA

A Geografia enquanto ciência da sociedade e da natureza traz os subsídios para formação de nós educadores, oferecendo bases para que se possa aplicá-la da maneira mais proveitosa em nossas aulas. A mesma enquanto ciência humana pesquisa as transformações e adaptações do espaço geográfico pela ação humana e as relações em que estabelecem em um acúmulo de tempos desiguais como afirma Santos (1995 p 46).

Nas últimas décadas o ramo da ciência geográfica foi marcado por uma série de debates científicos e filosóficos devidos às intensas transformações e desdobramentos na vivência da sociedade contemporânea. Termos como sociedade pós-industrial, sociedade pós-capitalista, sociedade pós-moderna, revolução informacional e técnica científica, terceira revolução industrial dentre tantos outros são discutidos constantemente para explicar os fenômenos políticos, culturais e socioeconômicos.

A Geografia Universitária surgiu na Alemanha. Na Idade Moderna, a partir do fim do século XVIII vários idealizadores passaram a compor a base da Geografia científica. Alexander Von Humboldt (1759-1859) era viajante e naturalista (1759-1859) interessava-se pelo estudo e dos seres vivos e sua relação com o meio e as relações com o espaço.

Karl Ritter (1799-1859) era professor da Universidade de Berlim, historiador e filósofo publicava uma obra que conceituava o “sistema natural”, *“onde vários fenômenos naturais eram analisados, trazendo um enfoque ao estudo do homem e sua relação com a natureza”* (Moraes, 1987, p.49).

Ratzel (1844-1904) defendia e lutava por idéias de um império colonial para seu país, a Alemanha e posteriormente nos Estados Unidos, definia o objeto de estudo da Geografia como *“o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade”* e que *“o homem é um produto do meio”* (Andrade, 1981, p.13) conseqüentemente nessa etapa da Geografia Tradicional acreditava que

na geografia tradicional o espaço não é considerado um conceito central, mas, uma base fundamental para a vida do homem.

Merecem destaques também destacar as contribuições de Karl Marx e Engels que analisam o sistema capitalista que estava em crescimento, assim como, estabelecer as relações existentes entre o meio natural sobre o homem além de demonstrar preocupações com a ecologia, e para ele, o homem transformava o meio ambiente em função da rápida acumulação de capitais, sem preocupar-se com os danos ambientais e ecológicos e sociais dessas transformações (Andrade, 1981, p.13 citado por Pontuschka 2009, p.41).

A origem do centro de discussão da Geografia enquanto ciência se deu na Europa, foi concentrado na Alemanha e essa fase ficou conhecida como a Geografia Tradicional Alemã.

A partir do fim do século XIX o cientista e geógrafo francês Vidal de La Blache (1845-1918) desenvolveu uma linha de pesquisa que estava focada na análise de traços históricos e naturais da paisagem. A contribuição geográfica lablachiana foi fundamental para a evolução da história do pensamento geográfico e fez com o pensamento francês também ganhasse destaque e difundiu as fronteiras trazendo a ciência geográfica ao Brasil.

De acordo com Moraes (1987,p 54), os princípios das Escolas Tradicionais Francesas nortearam as primeiras gerações de pesquisadores brasileiros e o trabalho pedagógico dos docentes. Na geografia escolar essa fase foi refletida nos métodos e conteúdos de ensino que era baseado em informações sobre a superfície terrestre, memorização de elementos da paisagem e os recursos naturais produzidos, ou seja, na Geografia Tradicional possui-se um embasamento teórico que refletia caracterização, classificação e fragmentação do espaço frente aos atos sociais sobre ele.

Ainda nos dias de hoje, apesar dos avanços epistemológicos ainda hoje existem infinitos professores de Geografia que insistem a optar por esses métodos tradicionais de ensino e aprendizagem do aluno.

Entretanto a partir da década de 1950 até o início da década de 1970, surgiu-se uma nova corrente da geografia: a Teorético-Quantitativa, popularmente conhecida como Geografia Nova. Essa corrente surgiu após os avanços tecnológicos do período pós-guerra desencadeando o neopositivismo - cadeia que associava a tradição empirista à matemática formal - Acontecia também o desenvolvimento do capitalismo advindo da Segunda Revolução Industrial.

A geografia obedecia a critérios que privilegiavam os governos autoritários e as grandes empresas voltadas para o crescimento econômico, sendo desconsiderados fatores de preservação ou respeito à sociedade, à natureza ou ao meio ambiente. Sobre isso, declara Corrêa (1995,p 64.):

Trata-se de uma visão delimitada de espaço, pois, de um lado privilegia-se em excesso à distância, vista como variável independente. Nesta concepção, de outro lado, as contradições, os agentes sociais, o tempo e as transformações são inexistentes ou relegadas a um plano secundário. Privilegia-se um presente eterno e, subjacente, encontra-se a noção paradigmática de equilíbrio (espacial), cara ao pensamento burguês.

Dessa forma ao estudar os pensamentos da geografia nova a análise permite destacar os números e estatísticas, ou seja, quantificamos a sua complexidade.

Mesmo diante a esses fatos, essa linha de pensamento também contribuiu para um bom desenvolvimento da geografia, visto que, a partir daí, pode-se extrair uma série de informações quantitativas a respeito de localizações, fluxos, hierarquias e funções. Santos (1986, p 64) declara que o maior pecado dessa geografia é não considerar a existência do tempo, sendo trabalhados apenas seus estágios sucessivos.

Para o ensino de geografia, essa corrente usou e abusou de dados estatísticos quantitativos além de condenar o uso das aulas de campo, já que não era considerada importante para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

A terceira corrente muito importante para a difusão e ensino de geografia está na *Geografia Crítica*, que surgiu na década de 1970, em um momento difícil e turbulento no cenário econômico, político e social.

Nesse período percebe-se a repressão, um aumento da desigualdade social e um movimento social que buscava lutar pela reforma dos direitos da sociedade.

Os geógrafos-cientistas passaram a seguir categorias baseadas em argumentos, contradições, opiniões, senso crítico (dialética) participado de compromissos políticos e sociais, para a percepção das relações entre o homem e a natureza e para a compreensão da realidade.

Ao discorrer sobre esse grupo de geografia crítica, Stefanello (2009, p 134) destaca as subdivisões *“a corrente formada por geógrafos não marxistas, mas comprometidos com reformas sociais, geógrafos com formação anarquistas que se ligam á críticas á sociedade, e por geógrafos de formação marxista onde a sociedade capitalista está baseada em conceitos como alienação, ideologia e práxis”*.

Também no ramo da geografia crítica, destaca-se como grande influenciador Santos (1999, p 56) que sempre se mostrava interessado em discutir em suas obras o espaço através da análise de categorias: forma (o que se vê), função (uma tarefa do que se vê), estrutura (natureza social e econômica de uma sociedade) e processo (ação contínua que envolve tempo). Para ele, a análise dessas quatro categorias permite uma visão real e completa sobre os fenômenos do espaço geográfico.

*“Através da geografia crítica temos a oportunidade de caracterizar através da reflexão sobre a organização do espaço geográfico sendo produzido a partir de suas estruturas espaciais na qual a natureza é o espaço (Correa, 2003, p 23-24).”*

O ensino de geografia não pode ser o mesmo, mas, ele tem sido o mesmo em todos os níveis, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio: relevo, clima, vegetação, hidrografia, população, meio rural, cidades, indústrias, e outros temas

geográficos cujo aprendizado pressupunha a memorização e classificação, bem como, a assimilação em que se limitavam a listar uma série dos fenômenos estudados, sempre nessa ordem. *“O que variava era tão-somente o tamanho da lista de acidentes a serem memorizados, menor no Ensino Fundamental e maior no Ensino Médio”.* (VESENTINI, 1999, p.9).

Por essa visão, os fenômenos geográficos eram apenas catalogados; isolando os fenômenos naturais dos fenômenos sociais abandonando a idéia da dualidade entre natureza e espaço, para dar ênfase para a maçante decoração que nada aprendia.

Hoje, o espaço geográfico é diferente do que se apresentava como um abrigo das ações do homem, ou seja, do simples lugar das atividades humanas que habita no planeta. Conforme Vesentini (1999, pág.9) no estudo do espaço geográfico:

Pressupõe a compreensão da dinâmica da sociedade, que nela vive e o reproduz constantemente, e da dinâmica da natureza, fonte primeira de toda existência do homem, permanentemente apropriada e modificada pela ação humana. Entretanto, não se trata da divisão acadêmica entre a geografia física e humana, muito menos da compartimentação do conhecimento, presente na separação de diversos temas como: relevo, clima, população, agricultura que passava a estudar os fenômenos, sem muitas vezes, relacionar os elementos que os constituíam. (p. 9)

De acordo com as afirmações, pode-se dizer que, as análises presentes de estudos geográficos devem sim, analisar a passagem de interação homem-natureza para que haja a interação sociedade-natureza e por conseguinte sociedade e espaço geográfico.



Segundo Rockenbach (2002, pág.8), pode-se dizer que:

a primeira interação já foi superada historicamente pela humanidade, á medida em que se aumentava o nível de organização do trabalho, e a outra (interação sociedade – espaço geográfico) está em permanente construção por todo o mundo e é justamente com isso que a geografia se busca compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza.

É sabido que o espaço é composto de sucessivas mudanças ao longo do tempo, sendo na mesma proporção em que a sociedade se modifica, no entanto a necessidade de entender a dinâmica espacial que deve ser considerado em sua totalidade numa visão do método científico. As partes que compõe o espaço geográfico.

### **1.3 O ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL**

O Ensino de Geografia há que demonstrar ao aluno o estudo do lugar, ou seja, problematizar situações que envolvam o lugar ,observando paisagem rurais e urbanas, naturais e técnicas que os cercam e ou que apenas seja apresentados a ele pelos meios de comunicação e que o estimule a desvendar suas características e localizações,levando a ter interesse pelo social,econômico,políticos e culturais que moldam a paisagem na construção do espaço.

Para um aprendizado significativo, deve se partir do lugar,não fazendo disso uma regra podendo utilizar outras escalas do espaço geográfico como:rua,bairro,cidade,estado e região.

Cabe ao professor elaborar métodos e organizar procedimentos didáticos relevantes a serie em curso, se amparando de metodologias para direcionar sua pratica em sala de aula.

Libâneo (1994, p 160), afirma que o ensino acontece por etapas sendo assim o trabalho docente se apresenta como um processo que envolve a relação cognoscitiva entre aluno e matéria.. Entre a perspectiva de métodos de ensino e procedimentos didáticos, tomara como ponto de partida a afirmativa de onde diz:

Os processos de ensino têm um aspecto externo (os conteúdos de ensino) e um aspecto interno (as condições mentais físicas dos alunos para a assimilação dos conteúdos) que se relacionam mutuamente: de um lado há a matéria a ser ensinada de forma assimilável pelo aluno; de outro, há um aluno a ser preparado para assimilar a matéria, partindo das suas disposições internas. (LIBÂNEO, 1994 p.160).

Assim, derivam à relação dos métodos de ensino e os métodos de aprendizagem em que os métodos de ensino de acordo com aspecto externo, que indica procedimentos e formas de atuação no processo de ensino.

No entanto, pode-se concluir que existe uma relação recíproca entre os métodos de ensino e os métodos de aprendizagem. Os métodos de ensino dizem respeito às atividades que o professor desenvolve em sala de aula com relação ao assunto apresentado, como por exemplo: aula expositiva e dialogada, leitura coletiva ou individual, apresentação de trabalho em grupo, etc. (LIBANEO, 1996, p185).

Relaciona-se o método de aprendizagem a maneira como o assunto é abordado, de modo que haja uma assimilação dos conteúdos ministrados de forma clara pelo professor dessa forma os conteúdos repassados, mobilizados pelas funções didáticas, atuam no desenvolvimento do processo de cognição que envolve a percepção, as representações e o pensamento abstrato.

A percepção, que é a capacidade de trazer coisas, fenômenos e relações para nossa consciência, é a primeira forma de aproximação do aluno com a matéria, formatando na sua mente noções concretas e mais claras e ligando os conhecimentos pré-existentes com os que estão sendo apresentados. Assim, os alunos são orientados para perceber objetos reais, assimilar as explicações do professor, reavivar percepções anteriores, observar objetos e fenômenos no seu conjunto e novas relações com outros objetos e fenômenos, confrontar noções do senso comum com os fatos reais. (LIBÂNEO, 1996 p.185).

Tomando como ponto de partida a concepção de que o entendimento da boa parte do conhecimento deve se a aproximação do aluno com o conteúdo proposto, cabe ao professor possibilitar confiança para o mesmo possa expressar opiniões, dados concretos, exemplo do seu conhecimento prévio além do aprendido adquire-se uma boa relação professor-aluno.

A realidade imposta pela *“globalização perversa”* (Santos, 1999, p 84), tornou-se necessária a superação da *“educação bancária”* (Freire, 1997, p 13) positivista, que não consegue mais dar respostas ao atual quadro fenomênico. Indiscutivelmente, o momento atual necessita que passemos para o paradigma de uma educação libertadora que há de ter sempre a tríade política pedagógica que são: *“saber, saber ser e o saber fazer”* (Libânio, 1987, p 32).

De acordo os com Santos (1999, 63), quando esse nos alerta sobre os iminentes riscos da escola deixar de formar autênticos cidadãos e tornar-se um *“celeiro de deficientes cívicos”*.

Como enfatiza suas ideias, no contexto da globalização, os princípios fundamentais e seculares da educação, esboçados nos ideais de universalidade, igualdade e progresso, foram severamente fragilizados diante da *“ruptura do equilíbrio, antes existente, entre uma formação para a vida plena, com a busca do saber filosófico, e uma formação para o trabalho, com a busca do saber prático”* (SANTOS 1999, p 75).

## **2. ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL.**

O ensino de Geografia no Brasil era voltado para o patriotismo, às aulas enfatizavam características das belezas do país e os problemas enfrentados pela população como a fome, a violência, a corrupção e a miséria. Os manuais didáticos também eram voltados para a transmissão do patriotismo, nos quais eram aceitos. (Vlach, 2004, p 215).

As aulas não passavam de decorações de rios, planaltos, capitais, cidades e países que faziam fronteiras com o Brasil entre outros aspectos da nossa paisagem. (Vesentine, 2004, p 7-12). Era um ensino que cobrava somente a memorização dos alunos.

Os livros didáticos sofreram mudanças nas propostas de ensino da Geografia, porém, não foram aceitas em sua totalidade pelos educandos; por se tratar de uma metodologia que poderia afetar as classes dominantes.

Assim, o tradicionalismo ficou enraizado passando a ser cobrado até pelos pais, querendo que seus filhos tivessem o maior número de informações, acreditando ser um aprendizado significativo para um exercício de cidadania. Nos vestibulares são cobrados também essa memorização matemática da geografia porém confuso sem objetivos e a quem da realidade do conhecimento do espaço.

Segundo (PEREIRA, 1996, p 48), a realidade da sala de aula tem mostrado ser um grande desafio em atingir os objetivos propostos pela Geografia por se tratar de um ensino decorativo semelhante às práticas do início do século.

Em todo e qualquer assunto de Geografia, o meio em que vive o aluno deve ser escolhido como assunto principal de estudo e as noções sobre outras regiões devem ser acrescentada como informações suplementares e comparativas. (CARVALHO, 1925, p.6).

Talvez, não soava bem ensinar Geografia a partir do que os alunos conheciam no início do século, houve melhorias na prática do ensino de Geografia para fornecer aos professores uma orientação mais atual da Geografia (VICENTINE,2004, p 24).

Alguns autores falam do início da Geografia no continente europeu, onde a Geografia escolar está ligada ao Estado Alemão; cuja importância dos burgueses no poder político era a escola, assim confirma o fato do ensino ser nacionalismo patriótico (VLACH,1991, p.36).

A Geografia escolar no Brasil expande-se por meio das disciplinas escolares História Brasileira e Língua Nacional, onde os textos são enfatizados “*a descrição do território, sua dimensão, suas belezas naturais*”. (VLACH, 2004. p.189).

Com intuito de melhorar a prática educativa da Geografia, contrariando as classes dominantes surgiram inúmeros caminhos, e alguns já percorridos, porém, não suficientes para atender um ensino de qualidade (não de quantidade) que é exigido por essa disciplina.

## **2.1 A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA ESSA PRÁTICA.**

Com um intuito de melhorar a qualidade do ensino, surge a Geografia Crítica para motivar os professores, VESENTINI (1999, p. 22) explica de forma concisa em seu texto Geografia Crítica e Ensino.

Trata-se de uma geografia que concebe o espaço geográfico como espaço social, construído, pleno de lutas e conflitos sociais [...] Essa geografia radical ou crítica coloca-se como ciência social, mas estuda também a natureza como recurso apropriado pelos homens e como uma dimensão da história, da política. No ensino, ela sempre ocupa com a criticidade do educando e não com “arrolar fatos” para que ele memorize.

Certamente foi um grande salto para o avanço do ensino da Geografia, apesar de muitas mudanças ainda há professores ensinando Geografia de forma tradicional utilizando somente o livro didático como fonte de pesquisa e conhecimento geográfico, tem sido assim desde os primórdios da Geografia no Brasil

Devemos dá o devido valor ao livro didático, que é utilizado nas disciplinas escolares, não sendo diferente na Geografia, e o ensino é planejado utilizando conteúdos do sumario e esse por sua vez estabelece o conteúdo a ser estudado durante o ano letivo.

Isso demarca uma preocupação exagerada com o'conteúdo', uma dissociação deste da própria metodologia; e o que é pior, uma tendência de considerar como objetivos da programação, a reprodução apreendida da mesma programação. Em outras palavras: certos meios tornam-se fins e a razão de ser do planejamento desaparece. (OLIVEIRA, 1991, p. 31).

## 2.2 A CARTOGRAFIA NO ENSINO DESDE AS SERIES INICIAIS

É provável que essa prática torne cansativa e sem estímulos para ambos, educando e educador, levando o aluno a saber que a próxima aula é uma continuação do livro, já que o sumário vem norteado os conteúdos. Outro ponto é relevante ao ensino da Geografia é a distância da realidade que não condiz com a vivenciada pelo aluno e até pelo professor, ficando no imaginário de todos, como por exemplo, as savanas africanas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE e a Associação de Geógrafos do Brasil a AGB não haviam profissionais formados direcionados para repassar a disciplina, dessa forma a mesma era ensinada por profissionais de outras profissões: médicos, advogados, engenheiros, dentre outros que também lecionavam em faculdades de sua respectiva área.

Os livros didáticos utilizados pelo ensino médio eram escritos por profissionais que não eram da área, lembrando que, sempre sendo baseados em fatores físicos da geografia.

Segundo Vesentini (1996, p.221) ocorreram equívocos quanto ao uso do livro didático no processo de ensino aprendizagem pelo professor em sala de aula, Ele argumenta sobre o assunto afirmando que:

É lógico que o professor pode e deve comparar manuais, ele sempre tem liberdade, nos países democráticos, de escolher o manual que quiser (no caso dos Estados Unidos até de elaborar um, o seu, na gráfica da escola), e os alunos podem e devem pesquisar um tema em vários livros alternativos. Mas apregoar que o bom professor não deve usar livros didáticos, como fazem algumas propostas curriculares recentes, é um absurdo educacional e até cultural.

Contudo o livro didático pode ser usado como instrumento metodológico com clareza na prática de ensino de Geografia e que ocorra o melhor aproveitamento e compreensão do espaço geográfico;

### 2.3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo tem como referências metodológicas, o método de abordagem dedutivo, um questionário pesquisa, como forma de detectar se a teoria e a prática em Geografia se relacionam.

A investigação seguirá o método de abordagem dedutivo, que segundo ANDRADE (1987, p 34), “é o caminho das consequências, pois uma cadeia de raciocínio em conexão descendente, isto é, do geral para o particular, leva à conclusão. Segundo esse método, partindo-se de teorias e leis gerais, pode-se chegar à determinação ou previsão de fenômenos particulares”. Tal como se apresentam no **trabalho em questão, que se iniciam com o contexto histórico, os aspectos sociais**, ambientais e a entrevista que vem confirmar se a teoria comunga com a prática.

MOREIRA (1987, p 221) ressalta que: “pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” A pesquisa bibliográfica consiste principalmente no estudo das teorias de Callai (1991, p 128), Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs (1997, p 130), entre outros que auxiliem na aquisição do conhecimento teórico que embasará o alicerce para a fundamentação teórica que envolve a aprendizagem do conteúdo de Geografia. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu através da leitura de autores que pesquisaram a área em questão.

O questionário será aplicado com oito professores da rede Estadual, de Geografia que relatam a realidade do ensino da disciplina nas séries iniciais do Ensino Fundamental.



### **3. IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA E A CARTOGRAFIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA DESDE AS SÉRIES INICIAIS**

Cartografia (do grego *chartis* = mapa e *graphein* = escrita) é a ciência que estuda as concepções e produções de mapas, correlacionando escala, projeções, símbolos/signos e outros métodos para representar o espaço. Portanto, a importância do mapa esta na *“identificação da organização do espaço, avaliação das alterações na forma de sua ocupação e como instrumento de expressão dos resultados compilados”* (Passini, 1994 p. 10).

A cartografia é utilizada para ler e interpretar o espaço próximo ou distante através de símbolos que se relacionam entre si, representando no papel um espaço reduzido, que fornece informações ao leitor que o ajudarão a se localizar no espaço e a compreender os diferentes espaços do mundo e suas dimensões.

Deve ser trabalhada já nas séries iniciais do ensino fundamental, através de jogos e brincadeiras (Martinelli, 1998, p 142). Os conhecimentos cartográficos devem ser adquiridos em um processo de alfabetização, o qual Simielli (1986, p 128) chama de *“alfabetização cartográfica”*.

Para uma criança o espaço é um conhecimento abstrato, portanto é de sua realidade e vivência que deve começar nas series iniciais os primeiros estudos sobre essa temática (Martinelli, 1998, p 148). Cabe ao professor a tarefa de promover essas atividades ajudando o aluno no desenvolvimento das noções espaciais (Almeida, 2001, p 17).

Segundo (Furlan, 2007, p 134) as primeiras atividades devem envolver o próprio corpo do aluno para que ele tome conhecimento e se aproprie do espaço através dos sentidos (audição, visão e tato) e com brincadeiras que envolvam habilidades motoras e cognitivas.

A aprendizagem da criança é também complexa e ampla. Interessa-nos pensar como ela aprende e que significado dá ao espaço, como desenvolve essa noção, a partir da sua vivência e do desenvolvimento do seu pensamento. Importa aqui compreender o significado de saber ler o espaço, e *“toda informação fornecida pelo lugar ou grupo social no qual a criança vive é altamente instigadora de novas descobertas”* (Castelar, 2000, p. 32).

No momento da alfabetização, se faz necessário trabalhar a capacidade de ler o espaço e entender o que ele expressa. Um lugar é sempre cheio de história e expressa/mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza.

Por exemplo, *“Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes?”* (Freire, 2001, p. 33). Assim, o aluno parte da sua realidade para o contexto do livro didático.

Também a partir do movimento da terra o aluno tem noção de fuso horário e estações do ano, são conteúdos relacionados ao estudo de cartografia. *“Assim, a utilização de recursos de informática no ensino da Geografia, de maneira interativa e lúdica, através de animação digital, é uma forma extremamente interessante para a melhoria e o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem”* (Costa, 2008, p. 352).

### 3.1 TEORIAS DA GEOGRAFIA APLICADA NAS SÉRIES INICIAIS

Os conceitos geográficos ensinados em sala de aula devem sim, partir do concreto, como por exemplo, a sala de aula, onde ele pode medir o espaço que ocupa com, analisando se este é suficiente para sua locomoção, onde:

*“Os espaços não devem ser vistos de forma estanque, quer no nível do município, bairro, estado ou país, pois são espaços que dependem entre si e interagem. A interligação e integração surgem quando realiza a leitura do espaço humanizado e organizado pelo homem”* (PASSINI, 2002, p.46).

E esta leitura só se dá por completo quando o aluno tem por entendimento o espaço em que ocupa interagindo e se apropriando dele. De acordo com PASSINI (2002, p. 46), a capacidade de leitura e de comunicação oral e escrita por fotos, desenhos, maquetes e mapas e assim permitindo o aluno a percepção e o domínio do espaço a sua volta, sendo através disso o educando consegue atribuir algumas funções que são a de ter, visão oblíqua e vertical, noção de construção de legenda, referência e orientação, pois a criança, tendo a noção do espaço vivido para depois, partir para, estudar, os limites do bairro, município, e por último planisfério.

No que diz (PASSINI, 2002, p.25) *“Para chegar a um nível de interpretação mais profundo é necessário por experiências para a construção das noções espaciais, partindo das relações elementares no espaço cotidiano”*.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (1ª a 4ª série) relata que ao final do primeiro ciclo, o aluno deve ser capaz de ler interpretar e representar o espaço por meio de mapas simples. Assim, apreender que os mapas são constituídos de linguagem própria a partir de símbolos que tem significados e são concebidos com funções específicas como: orientação, localização e representação.

Significa que cada aluno pode representar o espaço geográfico em diferentes mapas, os quais contarão com as peculiaridades específicas de acordo com o assunto em foco e a interação de representação de seu autor.

Oliveira (1977) apontando os quatro modos básicos de comunicação entre os seres humanos, sendo eles: graficácia que é a habilidade espacial em que o ser humano adquire em ler mapas, incluindo codificação de decodificação; a articulacia que se encontra nos animais mais evoluídos onde a comunicação se dá por ruídos sociais, e no homem a linguagem oral civilizada; a literacia que o homem se apropria da comunicação escrita; e a numérica que os seres humanos manipulamos símbolos numéricos. Portanto a graficácia é relevante à geografia. Esse processo aconteça é preciso que se tenha uma comunicação que opere como codificador e um decodificador.

Em relação à leitura de um mapa, ALMEIDA (2001, p.17) diz que:

“Inicia-se uma leitura pela observação do título. Temos que saber qual é o espaço representado, seus limites, suas informações,. Depois, é preciso observar a legenda decodificação propriamente dita, relacionando os significantes e o significado dos signos relacionados na legenda. É preciso também se fazer uma leitura dos significados/significantes espalhados nos mapas e procurar refletir sobre aquela distribuição/organização. Observar também a escala gráfica ou numérica acusada no mapa para cálculo das distâncias a fim de se estabelecer comparações ou interpretações.”

### 3.2 PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS

A apreensão que o aluno deve ter ao ver um mapa é o objetivo principal do trabalho do professor, que deve fazer com que este aluno interaja na idéia do que é um mapa passando por criação ate a seu significado/função para quem vai usá-lo.

Conforme afirma ALMEIDA (2001, p.11):

Conhecer como as crianças percebem e representa o espaço pode auxiliar muito o trabalho docente. Especialmente na preparação de atividades de ensino que contribuam para aquisição gradativa de diferentes modos de representação espacial, cada vez mais próximos daqueles dos adultos.

Simielli (2001, p 92) diz que o desenvolvimento da capacidade de leitura e de comunicação oral e escrita através de fotos, desenhos, plantas, permite a percepção do domínio do espaço é considerado importante para o espaço concreto dos alunos de 1ª a 4ª serie. Sendo este espaço mais próximo dele, como a sala de aula, já citado para somente nos dois últimos anos se falar em espaços maiores, como município, estado, pais e planisfério.

Almeida (2001,) e Passini (2002) dizem que o aprendizado espacial possui uma importância no contexto sócio cultural da sociedade moderna. No entanto se faz necessário a leitura do espaço para o domínio de conceitos e de referencias para a vida das pessoas e para que as pessoas tenham uma visão consciente e critica de seu espaço social.

Esse domínio espacial é, em grande parte, desenvolvimento na escola, assim como também o domínio da linguagem escrita, do raciocínio lógico pela matemática e pensamento científico, e como auxilio das habilidades artísticas e da educação corporal.

### **3.3 RESULTADOS PRELIMINARES DA PESQUISA**

A pesquisa foi elaborada de forma objetiva, com uma linguagem simples, de que fossem bem coesos nas respostas. A mesma continha questões que estão direcionadas ao ensino da Geografia. No intuito de aproximar a teoria da prática, a fim de detectar as dificuldades e apontar possíveis soluções.

A entrevista foi feita com oito professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, da rede pública de ensino de Anápolis, GO.

Percebi que os professores não estão satisfeitos com os livros adotados pela escola, por não abordar a realidade dos alunos. Segundo eles, retratam mais a região Sudeste, deixando a desejar sobre a região Centro-Oeste. Ou, se torna repetitivo focando apenas em um único conteúdo, tornando enfadonho e desmotivador. A linguagem não é clara para alunos das Series Iniciais.

## Considerações Finais

Ensinar geografia é buscar inovações, ou algo que estimule o aluno em conhecer o mundo que o cerca de uma forma prazerosa e dentro da realidade em que vive interagindo e agregando conhecimentos prévios ao conteúdo proposto pelo livro didático.

Desse modo ele pode interagir com a natureza, e com a sociedade, estudar atividades onde se podem usar diversas maneiras de expressar, tanto nos hábitos culturais, como meios políticos, sociais, e o meio de vivencia do aluno.

Buscar atividades que relatem a origem da geografia, as suas principais teorias e problematizar a realidade, é possível, oportunidade de refletir o que vem ocorrendo nos dias atuais, o que esta em constantes mutações.

Inserir a geografia de forma tecnológica, buscar estudos e pesquisas com escolas e professores para constituir dados e estratégias para ensinar a geografia de forma lúdica e atraente mostrando a importância dessa disciplina acima de tudo usar a linguagem correta para a fase de crianças com esse nível de escolaridade (1º á 4º serie), se tornam ações importantes à construção de uma nova abordagem do ensino da geografia, numa perspectiva mais significativa e coerente com nossa realidade. Não apenas livros didáticos, mas traçar uma imaginação que vai além, dando gosto ao aprendizado.

Das dificuldades encontradas pelos professores em trabalhar com alunos da Segunda Fase do Ensino Fundamental no ensino de geografia, procurei entender como se dá o ensino dessa disciplina nas Séries Iniciais.

Através da abordagem bibliográfica em vários autores de geografia, procurei analisar, quais os objetivos desta disciplina neste nível de ensino e as metodologias mais adequadas para serem aplicadas. O ensino aprendizagem tem como principal requisito, entre outros fatores que lhes são fundamentais o bom relacionamento entre professor-aluno para que haja uma compreensão da disciplina de Geografia.

Este envolvimento vai depender toda qualidade do trabalho desenvolvido em sala de aula.

Após a compilação dos dados obtidos por meio da pesquisa foi possível observa-se que os professores não estão satisfeitos com os livros adotados pela escola, por não abordar a realidade dos alunos, retratando mais a região Sudeste, deixando a desejar sobre a região Centro-Oeste.

Esta pesquisa não foi concebida com a intenção de esgotar a discussão sobre o ensino de Geografia, mas para servir como referencial na construção de metodologias inovadoras no ensino da Geografia das Series Iniciais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin de. Cartografia Escolar. São Paulo: Contexto, 2007.. Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2001.
- ANDRADE, B. Coord. **Migrações sazonais no nordeste** (relatório de pesquisas). Recife, SUDENE, Universidade Federal de Pernambuco. 1981.p 13
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade:** uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987, p 24.
- CALLAI, Helena Copetti. **Geografia em sala de aula: práticas reflexões** / org. Antônio Carlos Castrogiovanni – Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros – 2003.
- CALLAI, Helena Copetti. **O ensino em estudos sociais.** Editora: Unijuí da Universidade regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 1991.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). A Geografia na Sala de Aula. São Paulo: Editora Contexto, 2001. Cap. 7, p.92 – 108.
- CARVALHO, Ednéa Nascimento e VLACH, Vânia R. F. **Vivenciando a Geografia no Ensino Fundamental: a construção da cidadania.** In: IX ENCONTRO DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA: Mundo contemporâneo, práxis educativa e ensino de Geografia, 2007, Niterói – RJ. Anais... Niterói – RJ: Universidade Federal Fluminense, 2007. CD-ROM.
- CASTELLAR, S. M. V. **A alfabetização em geografia.** Espaços da Escola, Ijuí, v. 10, n, 37, p. 29-46, jul/set. 2000.
- CASTELLAR, S.M.V. A alfabetização em geografia. Espaços da Escola, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escolar e construção de conhecimentos.** Campinas (São Paulo): Papirus, 1998.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.
- CORRÊA, R. L. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, R L. EROZENDAHL, Z. (Orgs.). Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro: BertrandBrasil, 2003. p. 23-24.
- CORREA, R. L. **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995,p 64.
- COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica.** São Paulo: Editorada Universidade de São Paulo, 2008, 352 p. 88.

FIZIOLLA, Roberto. **Didática da Geografia**: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação. Curitiba: Base Editorial, 2009. p 88.

FIZIOLLA, Roberto. **Didática da Geografia**: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação. Curitiba: Base Editorial, 2009. p.120-122

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. Ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURLAN, Sueli Ângelo. **A Geografia na sala de aula: a importância dos materiais didáticos**. Disponível em: <[www.tvebrasil.com.br/salto](http://www.tvebrasil.com.br/salto)>. Acesso em 04 de janeiro de 2007.

Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, nº 70, São Paulo, AGB, 1991. pp. 23 – 34. geográfico. In. VLACH, Vânia Rubia. **Geografia em construção**. Belo Horizonte: Ler, 1991 .

KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões** / org. Antonio Carlos Castrogiovanni – Porto alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros – 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da Escola Pública**: Pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1987. LIBÂNEO, J. C. Que destino os educadores darão à pedagogia? In: PIMENTA,

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1994.

MARTINELLI, Marcelo (1998). **Gráficos e Mapas: construa-os você mesmo**. São Paulo, Moderna.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 6ª edição. São Paulo: Hucitec, 1987, p 49-54.

MORAIS, A. G. ; LEITE, T.S. Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos? In MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E. e LEAL, T. *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005, pp. 71-88.

MOREIRA, Marco A., MASINI, Elcie F. Salzano. **Aprendizagem significativa**. a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982, p 120.

MOREIRA, Ruy. **Assim se passaram dez anos (A renovação da geografia no Brasil – 1978-1988)**. São Paulo, 1992.

MOREIRA, Ruy. **O discurso do avesso (Para a crítica da geografia que se ensina)**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

OLIVEIRA, Christian, D. Monteiro. A “redação do contexto” no ensino fundamental de OLIVEIRA, Martha Khol de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997. – (Pensamento e ação no magistério).

PARÂMETROS Curriculares Nacionais: Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais: Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia**/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais: **História e Geografia**. Secretaria de educação Fundamental. 2. ed. Rio De Janeiro: DP&A, 2000.

PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização cartográfica. E o livro didático: uma análise crítica**. Belo Horizonte: Lê, 1994.

PASSINI, Elza. Yasuko. O espaço geográfico: ensino e representação. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

PEREIRA, Diamantino. Geografia Escolar: uma questão de identidade. **Cadernos CEDES: Ensino de Geografia**, nº 39, Centro de Estudos, Educação e Sociedade, Campinas: Papyrus, 1996.

PONTUSCHKA, N.N. **A geografia: pesquisa e ensino**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto. 1999.p.111-142.

PONTUSCHKA, Nidia N. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 41.

ROCKENBACH... [et al]; coordenação geral do projeto Léo Stampacchio. São Paulo: Moderna. 2002.

S. G. (Coord.). *Pedagogia, ciência da educação?* São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, Douglas. **Conteúdo e objetivo pedagógico no ensino de geografia**. Caderno Prudentino de Geografia (17) Presidente Prudente: AGB, jul. 1995.

SANTOS, Giovana A. dos e KAHIL, Samira P. **Desafios no processo ensino-aprendizagem do lugar nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a formação da cidadania**. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 2007, Uberlândia – MG. Anais... Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2007. CD-ROM.

SANTOS, M. O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo. São Paulo: Hucitec. 1978, p 176.

SANTOS, Milton – A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: (Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 63)

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 1999 p 56-260.

SANTOS, Milton. Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1986, p 63-64.

SIMIELLI, M.E.R. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1994.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In:

STEFANELLO, Ana Clarissa Metodologia no Ensino de História e Geografia: Didática e Avaliação. Editora: **SARAIVA** Ano de Edição: 2009,p 134.

STEFANELLO, Ana Clarissa. Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de geografia. Curitiba: Ibpex, 2003, p. 1148. (Metodologia do ensino de história e geografia: v.2).

STRAFORINI, Rafael. **A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado**. Terra livre, São Paulo, v.1, n.18, p. 95-114, jan/jun. 2002.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade – mundo nas séries iniciais**. São Paulo, Annablume, 2004. 190p.

VESENTINI, J. W. (org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus,

VESENTINI, José W. **O método e a práxis (Notas polêmicas sobre a geografia tradicional e geografia crítica)**. Terra Livre. São Paulo: 1987.

VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

VESENTINI, José William. **Geografia crítica: O espaço natural e a ação humana**. 15 ed. São Paulo: Ática. 1999, p 9.

VESENTINI, José Willian. **A capital da geopolítica**. São Paulo: Editora Ática, 1996, p 221.

VLACH, V. R. F. O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva histórica. In:VLACH, Vânia Rubia. A propósito da ideologia do nacionalismo patriótico do discurso, ..São Paulo - 2004, p.187-217.

VLACH, Vânia. **Geografia em debate**. Belo Horizonte: Lê, 1990.

VYCOTSKI, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZOTTI, S. A. **Sociedade, Educação e Currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980**. Campinas: Autores Associados; Brasília-DF: Editora Plano, 2004.